SERRA DO PILAR

22 novembro 2015 | ano 41 | Tempo Comum, 34º Domingo | 1933

"O que mais me espantou nestes cardeais, bispos e padres foi a sua completa ignorância sobre o sexo feminino, o seu pouco conhecimento em relação a essas mulheres tidas como inferiores, como as freiras, que habitualmente os servem como domésticas. Não todos, evidentemente – cheguei a travar amizade com alguns deles, antes mesmo do sínodo, mas em relação à maioria deles, o constrangimento sentido pela presença de uma mulher como eu era palpável, sobretudo no início". LUCETTA SCARAFFIA.

e deus desprezou a mulher: italiana relata os bastidores do sínodo no vaticano

QUANTAS VEZES, AO LONGO DESTAS TRÊS SEMANAS DE SÍNODO, NÃO TIVE DE CONTER A IMPACIÊNCIA REBELDE QUE SE APODERAVA DE MIM? Afinal, eles convidaram-me e até me permitiram falar. Eu, uma "feminista histórica", não exatamente diplomática, nem paciente, como certamente terão notado.

Para uma mulher como eu, que viveu o Maio de 68 e o feminismo, que lecionou numa universidade pública e participou em comités e grupos de trabalho de todos os géneros, esta foi uma experiência verdadeiramente inédita. Isto porque, embora já me tivesse acontecido, na minha juventude, quando as mulheres ainda eram raras em determinados meios culturais e académicos, ter sido a única mulher no meio de um grupo de homens, esses homens, ao menos, conheciam um pouco do assunto, pois eram casados ou pais de filhas.

O que mais me espantou nestes cardeais, bispos e padres foi a sua completa ignorância sobre o sexo feminino, o seu pouco conhecimento em relação a essas mulheres tidas como inferiores, como as freiras, que habitualmente os servem como domésticas. Não todos, evidentemente – cheguei a travar amizade com alguns deles, antes mesmo do sínodo, mas em relação à maioria deles, o constrangimento sentido pela presença de uma mulher como eu era palpável, sobretudo no início.

De qualquer forma, não se notava nenhum sinal desse cavalheirismo que costumamos encontrar, sobretudo entre os homens de uma certa idade, faixa etária a que eles pertencem. Com a maior desenvoltura, passavam à minha frente nas escadas, e ultrapassavam-me tranquilamente na fila para o bufete durante os intervalos. Até que um empregado, com pena de mim, me perguntava o que desejava beber.

Depois, quando começamos a conhecer-nos melhor, especialmente durante as sessões de trabalho em pequenos grupos, os outros clérigos foram revelando, pouco a pouco, mais simpatia por mim. À sua maneira, é claro: eu era considerada como uma mascote, e tratada sempre com paternalismo, ainda que muitos deles tivessem a minha idade, ou fossem mesmo mais jovens do que eu.

Desde que cheguei, tudo parecia ter sido concebido para que me sentisse como uma estranha: apesar das minhas credenciais, era submetida a controlos inflexíveis. Chegaram mesmo a tentar retirar-me o tablet e o telemóvel. Estavam sempre a tomar-me por outra pessoa, uma jornalista no melhor dos casos, ou uma empregada de limpeza. Acabaram por aprender a conhecer-me e a tratar-me com respeito e gentileza. Quando, após três ou quatro dias, a guarda suíça uniformizada, encarregada de vigiar a entrada, me prestou continência, senti-me como que no paraíso!

"Se elas entrarem, seremos esmagados"

No entanto, a minha presença era, quando muito, tolerada: não "picava o ponto" antes de cada sessão de trabalho, como os padres sinodais, apenas tinha direito

de discursar no final, quando era concedida a palavra a toda a plateia, e também não me era permitido votar, mesmo nas sessões de pequenos grupos. Não só não tinha direito de votar, como me era proibido propor qualquer modificação ao texto submetido a debate. Teoricamente, não deveria nem sequer falar, mas de vez em quando, lá me pediam a minha opinião. Precisei de muita coragem, mas comecei a levantar a mão e a expressar o que sentia. Na última reunião, cheguei mesmo a sugerir modificações! Enfim, tudo contribuía para que me sentisse inexistente.

Nenhuma das minhas intervenções obtinha o efeito desejado. Um dia, pretendi chamar a atenção para o facto de, no 19º capítulo do Evangelho segundo São Mateus, Jesus falar em "repúdio" e não em "divórcio", e que, no contexto histórico em que ele vivia, isso significava "repúdio da mulher pelo marido".

Além disso, a indissolubilidade defendida por Jesus não seria um dogma abstrato, mas uma proteção dada aos elementos mais frágeis da família: as mulheres. Eles, porém, continuaram a defender que Jesus era contra o divórcio. Eu podia muito bem não ter dito nada, pois falava para o vazio.

Bem tentei partilhar as minhas preocupações com as outras poucas mulheres presentes no sínodo; olhavam-me cheias de espanto; para elas, este tratamento era totalmente normal. A maior parte delas estava lá, apenas, na qualidade de parte de um casal – aquando dos discursos de encerramento, ouvi improváveis relatos de casamentos narrados em conjunto com o marido.

A única que escapava a este clima de resignação era uma jovem freira combativa que, durante uma conversa com o papa, havia descoberto que as quatro cartas que a sua congregação lhe enviara a exigir mais espaço para as freiras, nunca tinham chegado às mãos do pontífice. Apercebi-me de que as freiras, por serem muitas, e muito mais numerosas do que os religiosos, causavam medo: se elas entrassem, eles seriam esmagados. Assim, era melhor fingir que não existiam.

Perante os meus olhos curiosos e espantados, a igreja mundial ganhou corpo e identidade. É clara a existência de dois campos distintos: o dos que querem mudar as coisas e o dos que querem, simplesmente, defender o status quo. E a oposição é bem nítida. Entre os dois há uma espécie de pântano, onde as pessoas se alinham, dizem coisas vagas, e esperam para ver como o debate vai evoluir. O campo dos conservadores garante aos pobres fiéis que seguir as normas não é um

fardo desumano, porque Deus os ajudará com sua graça. Exibem uma linguagem colorida para falar das alegrias do casamento cristão, do "canto nupcial", da "Igreja doméstica" do "Evangelho da família" –em suma, de uma família perfeita que não existe, mas que deve ser confirmada pelos casais convidados a contarem as suas histórias. Talvez eles acreditem nisso. De qualquer forma, eu não queria estar no lugar deles.

No campo dos progressistas existem mais nuances. Os mais audaciosos atrevem-se a falar de mulheres e de violência conjugal. É fácil distingui-los, pois apelam, constantemente, para a misericórdia. Naturalmente, as famílias perfeitas não necessitam de misericórdia. "Misericórdia" foi a palavra-chave do sínodo: nos grupos de trabalho, uns lutavam para a fazer desaparecer dos textos, outros a defendiam-na com todo o vigor, e procuravam até multiplicá-la. No fundo, não se tratava de uma situação muito complicada. Tinha-me imaginado numa situação teologicamente mais complexa, mais difícil de decifrar para quem está de fora.

Mas, pouco a pouco, fui-me apercebendo de que estava a ocorrer uma mudança profunda: aceitar que o casamento seja uma vocação, tal como a vida religiosa, é um grande avanço. Significa que a igreja reconhece o sentido profundo da encarnação, que dá valor espiritual àquilo que vem do corpo, e, portanto, também à sexualidade considerada como um meio espiritual, seja no estado de castidade ou na vida conjugal. A insistência na verdadeira intenção da fé e na preparação para o sacramento também é muito importante: é o fim da adesão de fachada, sem uma escolha consciente.

O grande preceito de Jesus, segundo o qual só conta a intenção do coração, vai entrando, aos poucos, na vida prática. O que quer dizer que estamos a avançar, significativamente, na compreensão da sua palavra. Nas múltiplas polémicas sobre a doutrina ou sobre a normatividade, nada parece notar-se, mas se olharmos mais de perto, verificaremos que a mudança é perceptível e, certamente, bem positiva.

Um pouco de catecismo antes das núpcias

Durante as longas horas de debate, observei, fascinada, a elegância dos clérigos: todos "uniformizados", com as suas batinas bordadas de roxo ou vermelho, os seus solidéus das mesmas cores e, no caso de alguns, as suas elaboradas capas com longos fios bordados e botões coloridos. Os orientais exibiam mitras de veludo, bordadas de ouro ou de prata, chapéus altos pretos ou vermelhos. O mais elegante de todos usava uma longa túnica roxa, e no fim descobri que se tratava de um bispo anglicano. Às vezes, de longe, um dominicano de túnica branca era confundido com o papa, que, democraticamente, se juntava a nós nos intervalos.

É verdade que vêm de todas as partes do mundo; em geral, os bispos dos países colonizados falam a língua do antigo conquistador, francês, inglês ou português. Aqueles que vêm do leste europeu falam italiano. Percebo como são

numerosos os bispos vindos da Índia e da África. Cada um representa um pedaço da história e da realidade, independentemente de falarem de dificuldades concretas, ou de se contentarem com tiradas teóricas em defesa da família.

Deste modo, descubro que os defensores mais rígidos da tradição são aqueles mesmos que vivem nos países onde a vida é mais difícil para os cristãos, como os orientais, os eslavos ou os africanos. Aqueles que sofreram as perseguições comunistas propõem que se resista, com o mesmo rigor e a mesma intransigência, aos encantos da modernidade; aqueles que vivem em países atormentados e em conflito, onde a identidade cristã é ameaçada, pensam que só poderão defender a religião das ameaças que pairam sobre ela, se se mantiverem firmes nas regras

Com algumas exceções, nas quais me revejo, todos falam numa linguagem autorreferencial, quase sempre incompreensível para quem não pertence à "panelinha" do clero: dizem "afetividade" para se referir a "sexualidade", "natural" para "não modificável", "sexualidade madura", "arte do acompanhamento"... Quase todos estão convencidos de que basta um curso de preparação para o casamento, para superar todas as dificuldades e, talvez também, um pouco de catecismo antes das núpcias.

No entanto, vindas do mundo real, surgem situações tão diversas quanto complexas. Em particular a questão dos casamentos mistos, presente em todo o mundo. Os problemas são diversos, mas há um que surge em todos os casos: a religião católica é a única a enunciar a indissolubilidade do casamento. Assim, os pobres católicos sentem-se, muitas vezes, abandonados e impedidos de se casarem de novo. Quantos clérigos não defendem, com orgulho, as suas famílias tradicionais, sem pensarem que, na maioria dos casos, se trata de situações que penalizam as mulheres?

Mas as mulheres são quase invisíveis. E quando as menciono nas minhas intervenções, e me queixo de sua ausência, precisamente quando o objetivo é debater a questão da família, acham-me "muito corajosa". Sou aplaudida e até me agradecem; fico um pouco surpreendida, mas depois percebo que, ao falar claramente delas, as dispenso de fazerem o mesmo.

Levada por uma onda de sentimentos contraditórios – entre a raiva provocada por uma evidente exclusão, e a satisfação de estar presente de qualquer forma - , não pude deixar de pensar que era extraordinário, nos dias de hoje, participar numa assembleia que abriu com o canto do *Veni Creator Spiritus* e encerrou com o *Te Deum*. Mas é, exactamente, por este motivo que sofro, ainda mais, com a injusta exclusão das mulheres de uma reflexão que, em princípio, trata da relação da humanidade como um todo, e, portanto, de homens e mulheres, com Deus.

LUCETTA SCARAFFIA, membro do Comité Italiano de Bioética, e professora da Universidade La Sapienza de Roma, em artigo publicado por *Le Monde*, 29-10-2015.

A retórica do Papa a respeito das mulheres é, infelizmente, consistente

> ***Se tivermos em conta o contexto dos comentários acerca das mulheres, o discurso do papa no colóquio, começa a parecer-nos menos surpreendente. Começa a parecer não tanto uma concessão aos conservadores, mas mais uma afirmação sincera dos papéis patriarcais próprios de género,*** escreve Kelly Stewart, mestre em Arte Religiosa pela *Yale Divinity School*, onde estudou teoria feminista e ética sexual e reprodutiva católica, em artigo publicado pela *National Catholic Reporter*, 03-12-2014.

Eis o artigo.

O Vaticano organizou, no mês passado [novembro 2014], um colóquio inter-religioso – intitulado "HUMANUM: A COMPLEMENTARIDADE DO HOMEM E DA MULHER" – que mereceu grande atenção por parte da imprensa, em grande parte por nele terem estado presentes alguns dos mais destacados conservadores religiosos: Rick Warren, Tony Perkins, Russell Moore, N.T. Wright, D. Charles Chaput, o rabino Jonathan Sacks, entre outros.

As diversas intervenções no colóquio, a sua série de vídeos e o seu documento final – intitulado "Uma Nova Afirmação sobre o Matrimónio" – celebram o casamento procriativo e heterossexual como o fundamento da Igreja e da sociedade, uma "base a partir da qual [se constrói] uma família e daí uma comunidade". Chamam também a atenção para o fato de o matrimónio estar a ser atacado.

No seu discurso de abertura, o Papa Francisco disse o seguinte:

> **"Sabemos que o matrimónio e a família estão em crise. Hoje vivemos numa cultura do temporário, na qual há cada vez mais pessoas a desistir do casamento enquanto compromisso público. Esta revolução nos costumes e na moral arvora a bandeira da liberdade, mas, na verdade, o que ela tem provocado é uma devastação espiritual e material de inúmeros seres humanos, especialmente dos mais pobres e vulneráveis".**

Os críticos liberais centram a sua atenção naquilo que o envolvimento do papa Francisco no colóquio significa para as pessoas LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais) e para a qualidade do casamento. Perguntam como deverá ser entendida a contradição aparente entre a recente posição do pontífice, face à complementaridade, e a sua famosa indagação: "Quem sou eu para julgar?". Em muitos casos, chegam à conclusão de que Francisco reforça o ensinamento oficial sobre género, matrimónio e família, para apaziguar os conservadores.

Por exemplo, Nick Squires, do jornal *The Telegraph*, escreve: "Nesta segunda-feira, o papa Francisco, ao realçar, duma forma bem vincada, a importância da família tradicional, pareceu estar a ceder à pressão dos católicos conservadores".

Adam Withnall, do jornal *The Independent*, interpreta as declarações do papa, como uma "mudança no sentido de conciliar a ala conservadora da Igreja, com um papa que certa vez se questionou: 'quem sou eu para julgar os homossexuais', ele a quem Elton John considera como 'o meu herói'".

E Jay Michaelson, do jornal *Daily Beast*, teve o cuidado de enfatizar que até mesmo os comentários mais positivos do papa Francisco sobre os homossexuais significaram, apenas, mudanças no tom, e não na doutrina. Também ele, no entanto, parece interpretar as palavras de Francisco, e o próprio colóquio, como uma prova de que o papa deve dar resposta "às poderosas forças conservadoras de dentro e de fora da Igreja Católica".

Francis DeBernardo, diretor executivo do *New Ways Ministry*, discorda. No post publicado no seu blogue *Bondings 2.0*, intitulado "*Pope's Comments on Marriage Raise Questions About His LGBT Outreach*", DeBernardo escreve o seguinte: **"Acho que estamos a assistir a algo que o papa Francisco já vem fazendo há muito tempo: defender a doutrina tradicional, mas evitando enfurecer aqueles que se opõem a ela".**

Há um outro sentido a atribuir àquilo que Francisco vem fazendo. Embora as declarações polémicas do papa, no colóquio, sejam mais acutilantes do que a sua habitual retórica sobre os gays, elas são bem típicas da sua retórica a respeito das mulheres. Consideremos alguns exemplos:

- Em julho de 2013, durante a sua famosa entrevista em que disse "Quem sou eu para julgar?", Francisco disse que "as portas estão fechadas" para a ordenação de mulheres.

- Em junho de 2014, Francisco furtou-se a uma pergunta sobre a misoginia na Igreja, afirmando, em tom de brincadeira, que "a mulher foi feita de uma costela do homem". Quando pressionado sobre a questão da exclusão feminina na liderança institucional, acrescentou: "Os padres, geralmente, acabam submetidos ao domínio das suas empregadas domésticas".

• Em outubro de 2014, Francisco realizou o primeiro encontro do Sínodo dos Bispos sobre o matrimónio e a família. O evento reiterou a oposição oficial, relativamente ao controlo da natalidade, realçou o testemunho dos casais que praticam o planeamento familiar por meios naturais, e encerrou com a beatificação do papa Paulo VI.

• E, no mês passado, Francisco discursou no colóquio *Humanum*, onde falou, apaixonadamente, do "declínio da cultura do casamento", da "crise na família", da "beleza da complementaridade do homem e da mulher no casamento" e do "direito dos filhos, de crescerem numa família com um pai e uma mãe".

Se tivermos em conta o contexto dos comentários acerca das mulheres, o discurso do papa no colóquio começa a parecer-nos menos surpreendente. Começa a parecer não tanto uma concessão aos conservadores, mas mais uma afirmação sincera dos papéis patriarcais próprios de género

Então, por que razão não surgiram outros críticos do colóquio, a porem em destaque a história da retórica conservadora do papa, a respeito das mulheres? O texto intitulado "*Complementarity of the Sexes: A Trap*", publicado no blogue de Maureen Fiedler, é uma das poucas respostas que abordam o sexismo como uma preocupação primária. É verdade que houve quem mencionasse o sexismo, mas de passagem, tratando-o como um aspeto secundário da homofobia.

Tal fato limita a análise, pois o sexismo não é um subconjunto ou um ramo da homofobia. O complementarismo não é, apenas, um álibi para alimentar o preconceito contra as pessoas gays. No magistério oficial, as crenças sobre o estatuto de subordinação das mulheres, as capacidades naturais para o martírio e as responsabilidades procriativas, são, lógica e historicamente, anteriores às crenças relacionadas com a homossexualidade ou a igualdade matrimonial.

O que não quer dizer que, na Igreja, as questões sobre as mulheres sejam, de alguma forma, "mais importantes" do que as questões sobre as pessoas LGBT's. Quer é dizer que se nós, realmente, quisermos compreender as atitudes do papa em relação ao casamento, à família, ao género, à sexualidade e à autoridade, a sua história de sexismo fornece um ponto de partida mais útil para o debate, do que a sua história de declarações relativamente pastorais sobre os católicos gays.

Como poderiam ser diferentes as nossas análises, se encarássemos o sexismo como ponto de partida para a compreensão do colóquio, o atual papado, a teologia católica ou, de forma mais geral, a eclesiologia? E como essa alteração de perspetiva alteraria a forma como focamos o nosso trabalho, o objetivo das nossas esperanças, a justiça na Igreja?